

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

CRUZ, Nilda de Oliveira Ney de Vasconcellos. *Nilda Ney (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2002.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC-FGV e MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**NILDA NEY**  
**(depoimento, 2001)**

## *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Angela Maria de Castro Gomes; Dulce Chaves Pandolfi

levantamento de dados: Ana Carolina Huguenin Pereira

pesquisa e elaboração do roteiro: Angela Maria de Castro Gomes; Dulce Chaves Pandolfi

técnico de gravação: Célia Maria Leite Costa

local: Niterói - RJ - Brasil

data: 12/11/2001

duração: 2h 30min

fitas cassete: 03

páginas: 34

Entrevista realizada no contexto do projeto "Memória da assistência social no Brasil: constituição de banco de entrevistas", desenvolvido em convênio com o Ministério da Previdência e Assistência Social através de sua Secretaria de Estado de Assistência Social, entre 2001 e 2002, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos sobre o tema a ser disponibilizado no CPDOC e no Centro de Referência e Estudos da Assistência Social.

## Sumário

*Entrevista:* 12.11.2001

Fita 1-A: Local e data de nascimento; biografia das famílias materna e paterna; ascendência alemã, casamento dos pais; curso primário; informações sobre o Ginásio de Santo Antônio de Pádua, que sua família ajudara a fundar; formatura na Escola Normal (1937); trabalho como professora primária em Paraíso do Tobias; pai próspero negociante e proprietário de terras; fundação e organização da Escola Normal em Pádua; irmãos; falência e morte do pai; Grande Depressão (1929); perdas materiais da família; falência de parentes; mudança para Paraíso do Tobias com mãe e irmãos; prestígio das professoras do interior; Dona Nilda fala sobre sua personalidade forte e audaciosa; transferência para Aperibé; salário de professora e aulas particulares para sustentar a família; Revolução de 30; elogio ao governo Getúlio Vargas; lembranças das repercussões da Revolução de 30 em Pádua; qualidade do ensino público nos anos 30 e 40; cursos de especialização entre 1942-44; formação da Caixa Escolar em Aperibé; organização e funcionamento das escolas públicas de Aperibé e Paraíso do Tobias; curso de monitora de Educação Física em Niterói; relações com a família Boechat; alfabetização de adultos; influência familiar na obtenção de bolsas de estudo para os irmãos; ingresso na Escola de Serviço Social de Niterói (ESS), através do secretário de governo Dr. Viçoso.

Fita 1-B: Primeiro contato com Dona Yolanda Maciel; criação da ESS de Niterói em 1945; divisão da família; mudança para Niterói; Estado Novo (1937-1946) e Amaral Peixoto como interventor fluminense; curso de visitadora social pelo rádio promovido pela LBA (ainda com Dona Darcy); Dona Maria Isolina Pinheiro e a ESS do Rio de Janeiro (hoje pertencente à UERJ); monografia do curso de visitadora; funções de uma visitadora social; fundação da ESS de São Paulo (hoje parte da PUC); pessoas envolvidas na fundação da ESS de Niterói; viagem aos Estados Unidos; ESS de Niterói pertencendo ao Estado e à LBA; admiração por Dona Alzira Vargas; emprego no Colégio Batista; professoras primárias formam as primeiras turmas da Escola de Niterói; designação para freqüentar o curso de Assistente Social; formação religiosa; mentalidade avançada do pai; superintendência na Campanha Nacional Contra Tuberculose; vida social; casamento; importância da Escola Normal na escolha da carreira; papel na Diretoria Nacional da Associação Brasileira de Assistentes Sociais (ABAS); apoio de Dom Hélder Câmara e Odila Ferreira para que ESS de Niterói adquirisse nível universitário (1952); entrevista com Anísio Teixeira; cursos freqüentados na Escola de Serviço Social de Niterói; curso de educação doméstica; organização na ESS de Niterói de um escritório de agência social; Instituto Social de Mademoiselle Marsaud; destaque à importância de Yolanda Maciel em sua formação; bom rendimento acadêmico; qualidade das aulas da ESS de Niterói; influência das aulas de Higiene e Medicina Social em seu trabalho como professora de Assistência Médica; monografia de final de curso: “Serviço Social Indispensável à Tuberculose”.

Fita 2-A: Paula Souza funda Campanha Nacional Contra Tuberculose; Dona Yolanda a envia para trabalhar no Serviço Nacional de Tuberculose (1949); estágio com Edith Rosset e Maria Mesquita Sampaio; Dona Nilda elabora manual de serviço para assistentes sociais e viaja pelo Brasil para organizar dispensários; criação da Escola de Visitadoras Sanitárias; Dona Nilda é nomeada superintendente para coordenar, a nível nacional, o Serviço da Campanha contra a Tuberculose; atividades das visitadoras sanitárias; eleita presidente da Diretoria Nacional de Assistentes Sociais; Professora de Serviço Social Médico; grande dimensão da Campanha Contra Tuberculose: Dona Nilda viaja, dá palestras e trabalha com supervisoras; desenvolvimento do Serviço Social Médico: fundação do Serviço Social no Hospital Antônio Pedro; Professora de Serviço Social de Caso; ESS de Niterói passa a ter nível universitário: mudanças; comentários sobre Dona Alzira; Dona Nilda

assume a direção da ESS de Niterói; curso na Escola de Assistentes Sociais em Buenos Aires (1952): comentário sobre o alinhamento do Serviço Social argentino à política peronista; viagem ao Chile; bolsa de estudos nos Estados Unidos: mestrado em Pittsburgh.

Fita 2-B: “Política da Boa Vizinhança”; temporada nos Estados Unidos: experiências, observações, professores, aprendizado; Guerra da Coreia (1950-53); crença na geração política brasileira dos anos 40- 50; amizade com a Doutora Nise da Silveira e com Mário Magalhães; casamento com homem desquitado; trabalho de Nise da Silveira na Casa das Palmeiras; convívio com Lígia Loureiro; características das assistentes sociais do Instituto Social Feminino de São Paulo; diferenças entre assistência social e filantropia: necessidade de estudo, embasamento cultural para diferenciá-las; envolvimento da assistência com a Igreja; ESS de Niterói menos eliminada que a de São Paulo.

Fita 3-A: Informações sobre a Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro; interesse político na área de saúde do Serviço Social; crenças no Serviço Social como forma de realizar modificações sociais; observações finais.

*Entrevista: 12.11.2001*

*D. Nilda, vamos começar a nossa conversa com suas origens, como local e data de nascimento, nome dos seus pais, onde a senhora estudou...*

Eu nasci em Santo Antônio de Pádua, no noroeste do Estado do Rio, em 18 de setembro de 1916. Estou com 85 anos. Meu pai era filho de alemão e se chamava Bernardino Ney. É uma coisa muito interessante, a saga da família de papai. Eles venderam tudo na Alemanha, de onde vieram, para comprar uma fazenda no Brasil. A avó de meu pai, minha bisavó Ana, veio com os filhos, o mais velho com 16 anos. Comprou fazenda, desenvolveu tudo e quando morreu ainda deixou dinheiro para os filhos. Na fazenda, era muito engraçado e até minha irmã dizia que ela foi para o inferno por causa disso, os escravos falavam em alemão com ela. E perguntavam: “Dona Ana, como a senhora conseguiu que esses escravos entendam e respondam em alemão?” Ela dizia: “No pau!” Queria dizer na autoridade, porque ela nunca ia bater! Eu defendo.

E minha mãe também era descendente de alemães, da família Somer, de Hamburgo. Guilherme Somer, avô dela, teve problemas com a polícia e, para que ele não fosse preso, seu pai o pôs num navio e o mandou para a Argentina. Mas ele se encantou com o Rio e ficou.

*E como era o nome da sua mãe?*

Amélia de Oliveira Ney. Porque o pai era português e a mãe que era filha de alemão.

*Então a sua bisavó era alemã.*

Alemã.

*Descendente de alemão.*

Descendente de alemão. E meu avô era alemão, nasceu na Alemanha. E papai, que se chamava Bernardino Ney, casou com Amélia de Oliveira Ney. Eu nasci em Pádua e estudei no Colégio Ítalo-Brasileiro, que depois se tornou o Ginásio Municipal Santo Antônio de Pádua. Foi muito interessante. Os moradores da cidade, os mais antigos e que tinham condições, fizeram uma relação para fundar um colégio e mandaram buscar um professor na Bahia, chamado Caribé da Rocha. Eu fui à festa de 50 anos da fundação, o padre rezou, e teve uma declaração de que descendente nenhum podia pedir o dinheiro de volta. Não poderiam ser ressarcidos. Era uma lista grande, tinha os nomes dos meus bisavós, parentes, primos, aquela gente toda. Achei aquilo muito interessante.

*O colégio foi feito por uma subscrição da comunidade...*

E o mais interessante é que todos os que deram dinheiro podiam mandar os filhos estudar no Rio. Foi para a comunidade ter um colégio. Esse colégio se desenvolveu, mandaram buscar depois outro professor, José Lavaquiel Biosca. Ele era de Corumbá, Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, veio, fundou a escola, desenvolveu o Ginásio. E se casou com uma moça de uma das famílias que havia dado dinheiro para fundar o colégio. Eu estudei lá e fui da primeira turma de professoras da Escola Normal. Terminei o curso com 16 anos e fui trabalhar num lugar chamado Paraíso do Tobias, que vocês nem sabem. Fui ser professora primária. Não tinha condução, não tinha ônibus. Então, aqueles fazendeiros riquíssimos iam levar café para Miracema, de caminhão, com o dono, o chofer e a mulher na frente e eu lá em cima...

*Nos sacos de café?*

Nos sacos de café, com os empregados. Quando eles chegavam em Miracema, nós descíamos. Tinha um negociante – depois o filho dele foi governador do estado, ou vice-governador, João Batista da Costa –, ele era pequenininho! Eu descia lá, tomava banho, trocava de roupa e tomava a condução para ir para casa.

*E seus pais faziam o quê?*

Meu pai era negociante, um homem muito rico!

*Era negociante de café?*

De café, de tudo! Cereais. Mandava tudo para o Rio.

*Mas também tinha terras?*

Tinha terras, tinha terras. As terras agora foram divididas, viraram sítios. Vocês sabem o que é sítio? São menores que fazenda.

*E seu pai aceitava que a senhora andasse num caminhão? O que ele achava disso?*

Ah! Alguém mandava em mim?

*Quer dizer que a senhora fazia isso com 16 anos?*

Eu fazia o que queria! Eu dizia: “Vou fazer e está acabado!” Ele não sabia, eu dizia que vinha na frente, com o dono do caminhão. Eu ia falar?!

*A senhora falou que fez a Escola Normal também em Pádua. Como era essa escola?*

O Estado do Rio tinha as escolas oficiais aqui em Niterói e o Instituto de Educação em Campos. E Pádua, como tinha muitos políticos com prestígio, conseguiu fundar sua Escola Normal. O curso era de quatro anos, junto com o ginásio que era de cinco anos. As aulas eram juntas.

*Na mesma turma?*

Na mesma sala, na mesma turma. Eu fui da primeira turma de professoras e tive que aumentar a idade que, para entrar, era de 14 anos. Terminava com 18 anos. Eu entrei e nem 14 tinha. Terminei com 16 e entrei num concurso que o estado fazia para professora. Era de título, não fazia prova não. Eram só os títulos e as notas de curso, eu passei e fui nomeada para Paraíso do Tobias. Apanhava o caminhão, mas não dizia, se fosse dizer não ia mais! Montei cavalo depois. Lá em Paraíso do Tobias, eu comprei um cavalo. Ia a Pádua de cavalo.

*E a sua mãe fazia o que, dona Nilda?*

Minha mãe ficava em casa com a família, ué!

*Quantos filhos eram?*

Ah, éramos eu, o Zé, Paulo, Milton, Dora, Cora e Renato, recém-nascido. Sete irmãos. Aí, em 1930, papai ficou quebrado, morto.

*Por causa do café, na crise de 29?*

O café, na crise de 29. E depois, quando fui estudar nos Estados Unidos, eu vi como foi a modificação lá e a influência no Brasil. Papai perdeu tudo! Porque naquele tempo, quem devia ao Banco do Brasil, não tinha esse PROER não, acabava tudo! Iam as fazendas, os negócios tudo, tudo, tudo para pagar porque ninguém queria ficar devendo. Ainda tinha-se caráter, essa dignidade que não tem hoje. Papai teve então uma depressão muito séria por ter perdido tudo, até seu *status*, teve um enfarte e morreu. Morreu jovem, com 49 anos.

Aí, o que é que eu ia fazer? Mamãe sem nada. Ficamos sem coisa alguma. Os parentes, que também eram fazendeiros, ficaram todos sem nada! Só um primo de papai, o Silva, que era deputado, ainda conseguiu sustentar a família. Então, vendemos nossa casa, que era uma maravilha, peguei a mamãe com as crianças e levei para Paraíso do Tobias. Fiquei em Paraíso do Tobias quatro anos. Eles estudaram comigo no primário, fizeram o primário comigo.

*A senhora é a mais velha dos irmãos?*

Sou a mais velha. O que era o mais velho morreu. Aí eu dizia assim: “Isso tudo passa. Isso vai passar. Ninguém vai ficar aqui pensando que é inferior a ninguém.”

*Quando seu pai morreu, a senhora já estava dando aula?*

Eu já estava dando aula. Carreguei um caminhão e levei tudo para o interior.

*Aí a senhora alugou uma casa?*

A escola tinha casa para a professora. Era um prédio grande, uma antiga casa de comércio. Tinha uma sala enorme e depois a casa do professor, dentro mesmo do edifício. E era uma casa com três quartos, banheiro, quintal... Pus a família toda num caminhão e fomos para lá, para a casa da professora, que era muito importante no interior.

Bem, eu já comecei a ter espírito de iniciativa. Meu pai dizia que eu parecia muito com a minha avó Ana, a alemã. E eu continuo com esse espírito mesmo. Sou brigona, autoritária, tudo isso eu sou. Até hoje me obedecem. E olhe lá se não obedecer!

*E como ficou a situação financeira de vocês? O único dinheiro que vocês tinham era o salário que a senhora recebia?*

Era o meu salário e eu trabalhava, dava aula particular. Para os fazendeiros, era mais econômico me pagar para dar aula, preparar seus filhos para o ginásio. Eu era muito metida, dava aula de tudo! Até de francês, se quisessem eu dava. Muito audaciosa, sempre fui audaciosa [riso].

*Mas então, a Escola Normal que a senhora fez, foi boa.*

Muito boa! Depois, como as minhas primas estudavam no Sion e mamãe não quis que eu fosse para o internato, papai contratou um professor de francês para que, quando elas chegassem cantando aquelas cantigas de roda em francês, eu não ficasse diminuída. Podia acompanhar as canções também.

*Então, a senhora teve uma espécie de preceptora, que lhe ensinou francês enquanto seu pai foi vivo. Vocês tinham um padrão de vida alto, não?*

Alto. Eu estudava piano... Quando a professora chegava, dizia: “Está com a mão limpa?” Eu respondia assim: “Não estou não! Olha aqui, vê se não está limpa!” E quando havia, no fim de ano, aquela demonstração de música que eles fazem, eu ia com aqueles laços de fita grandes...

*Audição.*

Audição. Eu ia com aquele vestido de organdi bem armado... Ia todo mundo, os avós, para ouvir e bater palmas.

*Realmente, foi uma grande mudança de vida...*

Completa! Completa!

*E a senhora passou a sustentar toda a sua família com o salário que ganhava como professora do estado e com aulas particulares. Logo depois desse momento de mudança e crise, houve a Revolução de 30, quando o Getúlio tomou o poder. Eu queria saber se a senhora lembra desse momento, se teve alguma coisa no interior...*

Lembro sim! Lembro daqueles soldados chegarem em Pádua, aqueles trens com soldados, aquela alegria toda! Era muito animado [risos]! E eles foram para a fazenda do meu primo, sabe? Denys, da família do marechal Odílio Denys. Porque a família do meu avô era vizinha da fazenda do Denys. Quando mamãe era jovem, todos jovens, o seu Otávio Denys, pai do marechal, mandou buscar uma professora em Campos chamada dona Cordélia, para dar aula para todos: para os filhos dele e para mamãe. E quando houve esse negócio da revolução, o marechal Denys já era oficial do Exército, essa coisa toda. Então o Juarez passou por lá e foi para fazenda Pedra Lisa, que era dos Denys. E era uma gente que eu achava muito bonita, sabe? Eu já estava mocinha e achava o marechal bonito!

*É, soldado, a farda...*

É muito engraçado! Bem, aí nós fomos para Paraíso do Tobias e lá fiquei quatro anos. Eu queria ir para um lugar melhor e fui para Aperibé, que tinha o apelido de Pito Aceso. Aperibé era Pito Aceso. Eu tinha horror! Quando chegava em casa, meus primos diziam de brincadeira: “Chegou a professora de Pito Aceso!” Eu dizia: “Pára com isso!” Era a professora do Pito Aceso.

*E levou a família?*

Para Aperibé.

*E a senhora lembra quando? Foi em meados da década de trinta?*

Já tinha passado de 30. Foi em 37, mais ou menos. Aí nós também ficamos na casa da escola, a casa da professora de uma antiga fazenda. E eu comecei a lecionar no Colégio Batista, que acabou porque foram todos para a escola pública, pois achavam que estavam aprendendo mais. Ela cresceu muito e eu pedi transferência. Nesse período, a Secretaria de Educação dava cursos de aperfeiçoamento para professoras primárias. Eles davam passagem, pensão... Era aqui no Grupo Escolar chamado Getúlio Vargas, e eu então aproveitava, fazia tudo quanto era curso.



*A senhora fez, pelas nossas contas, nove cursos de especialização entre 42 e 43.*

Isso mesmo. O governo deu um curso na Universidade Rural, estava novinha. Eu fui para lá, fiz todos os cursos para professores, até o de merenda escolar. Eu instituí a caixa escolar em Aperibé, para dar merenda para os alunos. As outras escolas não tinham, mas a minha tinha merenda! Eu fazia teatro das crianças, trazia as peças e as roupas de casa... No dia 7 de setembro, eu conseguia com os comerciantes dinheiro para comprar tênis para as crianças que não tinham calçado para desfilar. Eu gostava de movimento e tinha um plano na vida: que todos os meus irmãozinhos estudassem. Depois que eles estudassem, eu iria estudar. Então eu tinha que encher a minha vida, para não pensar em namoro nem nada!

*Essas escolas em que a senhora trabalhou, em Paraíso Tobias e em Aperibé, não eram grupos escolares?*

Não. Depois é que se transformaram em grupos escolares.

*Ou seja, a senhora era a única professora dessas escolas?*

Depois, quando aumentou o número de alunos, o inspetor de ensino – tinha inspetor de ensino que vinha todo mês visitar as escolas – conseguiu adjuntas para mim. Quando acabou o Colégio Batista, as duas professoras de lá foram trabalhar comigo.

*Ou seja, em Paraíso do Tobias e quando começou em Aperibé, a senhora era a única professora.*

A única professora. Depois ganhei três adjuntas porque eram trezentos alunos.

*E aí havia divisão por séries?*

Por séries. Então havia o seguinte: quando eu estava sozinha, a aluna mais adiantada ajudava a alfabetizar.

*E funcionava?*

Funcionava.

*Pelo que a senhora está falando, a escola pública ganhou prestígio nesse período.*

Ganhou. E outra coisa: para ganhar mais, eu vim fazer um curso de monitora de educação física em Niterói. Durante três meses. Por quê? Porque eu ganharia mais dinheiro. Eu sempre estudava para ganhar mais, porque eu precisava de dinheiro.

*Esses cursos de especialização, a senhora fazia porque aumentava o seu salário?*

Não. Só educação física. Da Educação Física eles mandaram bola, rede... Olhe, eu era tão audaciosa que aprendi a nadar aqui no Caio Martins, mas não tinha piscina e a gente tinha que ir nadar em Icaraí, na praia. Tinha um trampolim daqueles de madeira...

*Ah, a senhora está falando do trampolim de madeira? As pessoas geralmente se lembram do outro trampolim de cimento.*

Não, era o de madeira! Depois fizeram aquele outro. E eu aprendi a nadar. Aí, então, eu dava aula de educação física, todo mês tinha que mandar o programa para o doutor Tobias Machado autorizar o pagamento. A coisa era fiscalizada, não era à vontade não! Outro dia lembrei: a casa da escola dava para o rio Pomba e eu tinha um livro de educação física que ensinava a fazer os programas – nessas viagens todas, já perdi. E eu falei assim – agora você vê que horror! – “gente, com esse calor aqui, vou ensinar algumas crianças a nadar”. Mas, que coragem! Aí mamãe ficava sentada numa pedra com um bambu e uma corda amarrada.

*Para segurar, se alguma pessoa passasse daquele ponto?*

É. Loucura, minha filha! [Risos] É muito engraçado, é muito engraçado!

*E deu tudo certo. Deu tudo certo porque nunca teve nenhum acidente, não?*

Só um dia uma pretinha, que não tinha cabelo, a menina ia, eu segurava, o cabelinho dela não dava para segurar... Aí a mamãe jogou a corda [Riso]. Pescou! Mas depois eu falei assim: “Gente, isso é loucura! É loucura!”

Eu me dava muito com o farmacêutico da família Boechat, o pai do Dalton Boechat e avô do Ricardo Boechat, que saiu do *O Globo*. Eu não tinha assinatura mas gostava de ler o jornal, não tinha rádio e queria ouvir rádio. Então eu ia para a farmácia – lia jornal, ouvia rádio, conversava com um senhor francês que morava num sítio e treinava o meu francês com ele também. Sempre procurei aproveitar, não perdia as oportunidades. E lia jornal. O Dalton estudava filosofia e mandava aquela porção de livros. Eu dizia: “Dalton, quando terminar o ano, traga os livros todos.” Como a família tinha recursos, ele comprava tudo quanto era livro e eu lia, estudava. Não queria ficar longe da cultura.

Então, lá em Paraíso Tobias, eu dava essas aulas e de manhã tinha o curso particular para preparar para exame de admissão. Quando chegava no fim do ano, eu levava aquelas meninas todas para fazer exame para o admissão. E à noite eu tinha um curso de alfabetização.

*A senhora alfabetizava adultos também?*

Alfabetizava. E o governo me pagava.

*Era um outro salário?*

Outro salário. Outro salário. Era uma espécie de supletivo. Eram operários, aquela gente que trabalhava. Coitados, custavam tanto a aprender, mas eu tinha muita paciência, sabe? E atualizava os programas sociais.

*Numa certa ocasião, a senhora foi removida para Aperibé, não?*

Fui. Bem, quando estava em Aperibé, e meus irmãos já faziam o admissão, não tinha vergonha de pedir bolsa de estudos. Eu ia à prefeitura, geralmente eram pessoas amigas de meu pai, e chegava, mas não chegava assim humilde não! Dizia assim: “Olha, vocês têm bolsas de estudos, não têm? Eu tenho direito a uma para o meu irmão. Quero uma bolsa de estudos. E conseguia. Quando chegou a vez do Renato, tinha uma bolsa do estado. A prefeitura já tinha dado para todos os outros. Uma estudou no Colégio Batista de Campos, porque o diretor era muito amigo de meu pai e me disse assim: “Nilda, eu vou fazer uma diferença e ela vem estudar.” Eu disse: “Ela vai estudar, mas você não vai pô-la para ser doméstica lá não, para ajudar a servir mesa, nada disso!”

Porque gente minha tem que estar com a cabeça inteira.” Audaciosa, não? E a Dora ficou estudando num internato em Campos.

*O Colégio Batista de Campos é um colégio muito grande e importante.*

Importante. Ela foi para lá, o Barreto era muito amigo de meu pai. E eu então aumentei o curso de manhã para ter mais alunos e poder pagar. Pagava pouco, mas pagava! O que eu não queria era ficar dependente, como em algumas igrejas em que elas iam mas tinham que servir...

*E isso era muito comum em colégios internos. Não só em leigos como também não religiosos.*

É, mas eu não queria Não queria por presunção. Hoje eu peço perdão ao Senhor por tanta presunção. Então ela foi para lá. Quando chegou a vez do Renato, eu resolvi pedir ao estado. Meu tio era muito amigo de um secretário do governo e eu então trouxe uma carta dele para entregar ao doutor Viçoso, secretário do governo substituindo o governador, entre outras coisas. Cheguei no palácio, aqui no Ingá, e fiquei esperando. Cheguei à uma hora. Eu estava no Rio, na casa de um amigo. Fiquei esperando. Aí, falei assim: “Sabe de uma coisa? Vou embora!” O doutor Viçoso foi representar o governo não sei onde. Tinha um técnico em educação, era muito amigo meu, que estava lá também e falou comigo assim, o Durval Batista: “Ah, não, Nilda! Você fica que eu fico com você.” O contínuo também falou: “Eu trago um cafezinho. A senhora fica que eu trago um cafezinho. E quando ele chegar, eu levo a senhora logo, logo, logo!” Então ficamos lá, eu saí com o Durval, fizemos um lanche, voltamos para o palácio... Quando o rapaz, o contínuo, me chamou, eu cheguei lá e, em vez de ser o doutor Viçoso, era o filho dele, um jovem. Eu não sei se já estava esgotada, se estava pensando em uma pessoa igual ao meu tio, já de idade... Ah, minha filha, tive uma crise de riso, não podia nem falar de tanto que ria! Aí eu parei e falei com ele: “Eu estou rindo porque estava esperando um senhor de idade.” Ele falou: “Não faz mal. Você me entrega a carta que eu vou falar com meu pai e vou conseguir a bolsa de estudos.” Ele conseguiu a bolsa para o Renato e marcou na Secretaria de Educação para entregar a papelada. Lá ele disse: “Escuta aqui, você não acha um absurdo voltar para o interior sem estudar? Tem uma escola nova fundada no ano passado e que vai começar a funcionar” “O que se estuda nessa escola?” Ele falou assim: “Psicologia, direito, pedagogia, não sei mais o quê...” Aí eu disse: “Ah, então me interessa!” Fomos falar com o secretário de Educação e ele me apresentou assim: “Olha aqui, essa professora...”

[FINAL DA FITA 1-A]

*...estava contando que recebeu uma espécie de proposta para estudar numa escola.*

Proposta para fazer o curso.

*Era a Escola de Serviço Social. Você nem sabia o nome ainda?*

Nada, não sabia nada!

*Sabia que estudava psicologia...*

Eu queria saber o que eu ia estudar porque eu não queria entrar numa canoa furada. Eu queria saber o que ia me acontecer porque o governo do estado dava autorização para os professores fazerem curso. Aí eu cheguei e a diretora estava lá. Dona Iolanda Brito Antunes Maciel, de família quatrocentona de Porto Alegre.

*De Porto Alegre? Mas ela vinha de São Paulo, não?*

Ela vinha de São Paulo. Então dona Iolanda estava lá. A achei linda, minha filha! Com um vestido de panamá, muito bonita! Aquilo para mim foi um espetáculo! E ela falou assim: “Mas já começou. Como vai ser?” O secretário disse: “Mas ela vai fazer.” Eu disse: “Começou? Mas eu vou precisar de uma semana para ir em casa resolver o problema da minha família. Não posso deixar.” Agora você vê, audácia pura.

*Isso foi quando?*

Em 45, quando a escola começou.

*A família estava em Pádua, tinha voltado para lá?*

Estava lá! Eu tinha vindo buscar uma bolsa de estudos. Voltei e falei: “Mamãe, temos que fazer um arranjo aqui. Vou acabar com a casa, fazer um curso e trabalhar lá na escola, em Niterói. Eu vou e a senhora vai para Pádua, para a casa da minha tia.” Eu era assim mesmo, chegava e determinava.

*E os seus irmãos iam para onde?*

Cada um foi para uma pensão. E um ficou num internato que o estado dava. A outra estava em Campos, internada. Milton e mamãe ficaram na casa de tia Filhinha, Corinha eu paguei uma pensão. Viu como é que eu dividi a família?

*Tinha uma que estava em Campos, no Colégio Batista.*

Outra no internato do colégio de Pádua que o estado pagava. E tinha dois sobrando, que pus numa pensão, e a outra em outra pensão. Aí vim para Niterói. Acabei com aqueles móveis antigos, não sei para onde foram, não lembro mais. Tenho pena de ter perdido os retratos da família, do meu avô, do tio da minha mãe mais velho... tudo isso eu perdi. Bem, mas isso não era nada para mim. Então eu vim para a Escola de Serviço Social em uma semana. Aí eu fui sentar na bancada da música, porque há muito tempo que eu não estudava e queria ouvir bem. Eu queria ser uma boa aluna.

*A bancada da música é a fila da frente da sala de aula.*

É, a bancada da música é a fila da frente. E então, eu cheguei, fui lá, saiu logo a minha designação no *Diário Oficial*. E de muitas, que eram professoras primárias, não tinha saído ainda. Então começaram com aquele *zum zum zum*, “vêm umas empistoladas e eu não saio...” Então eu disse: “Se vocês me derem os nomes de vocês, a relação de vocês...” Elas deram, mas eu não disse o que queria não. Fui ao doutor Viçoso. “Está um clima muito desagradável para mim, porque estão me chamando de empistolada... Isso é muito ruim porque eu não conheço ninguém. O senhor resolve esse problema para mim, por favor! Pegue essas moças e ponha no *Diário Oficial*, doutor.” Ele disse: “Mas Nilda, você pede muito, não é?!” Eu disse: “Peço e ainda vou pedir mais!”

*Dona Nilda, a senhora conhecia o doutor Viçoso por esses contatos?*

Não. Conhecia por causa do meu tio, que morreu com 104 anos.

*Tio por parte de pai?*

Não. Por parte de mãe, casado com minha tia, essa que eu coloquei todo mundo na casa. Doutor Viçoso era amigo desse meu tio e secretário do Governo

*E ele era o secretário da área de educação?*

Não, ele era secretário do governo! Substituía o governador. Secretário geral. Eu não sei como é que é...

*Isso foi no período do Estado Novo, quando não havia governador, mas interventor.*

É isso mesmo!

*Então ele estava secretariando o interventor, que no caso era o Amaral Peixoto.*

Eu não sei se era o Amaral Peixoto...

*Se foi em 46 já não era o Amaral, mas antes era. A senhora começou a nos contar como teve conhecimento da Escola de Serviço Social, que foi criada em 46.*

Fim do ano de 45. Mas começou em 46.

*Mas antes de ir para a Escola de Serviço Social, a senhora fez um curso de visitadora social.*

Fiz pelo rádio! Vou contar o que eu fiz. Eu estive doente, estive muito doente e fiquei de licença na minha casa. Aí o seu Alceu, pai do Dalton, me emprestou o rádio porque dona Darcy estava dando um curso de visitadora social pela LBA. Aí eu fiz o curso de visitadora social. Tinha que fazer uma monografia, eu fiz a monografia. Eu já estava melhor, estava andando, porque eu fiquei sem andar, muito doente. Mas fiz a monografia, mandei e recebi o certificado de visitadora social.

*Como era esse curso dado pelo rádio? Que horário era? Como eram as aulas, quem falava?*

Quem estava dando era Maria Izolina Pinheiro, de uma escola de serviço social da prefeitura do Rio de Janeiro. Hoje essa escola é da UERJ, a Escola de Serviço Social. E ela tinha muito prestígio porque namorava o deputado... Como se chamava? Aquele Soares, que era líder da UDN. Então ela deu o curso que era de tarde, às quatro ou cinco horas. E ela dava aula, mandava apostila; porque a gente tinha que se inscrever no curso. Eu me inscrevi e ela mandava as apostilas para mim.

*Pelo correio?*

Pelo correio. A gente estudava, depois ela mandava umas provas, que eu fazia e mandava. E tinha que fazer uma monografia. Eu sei que fui aprovada.

*Era todo dia? Uma hora?*

Uma hora. Todo dia, uma hora. Das quatro às cinco horas, de segunda a sexta-feira.

A senhora lembra quanto tempo durou?

Ah, uns seis meses.

Seis meses! Todo dia?

Era um curso bom. Bom mesmo!

*E a senhora fazia esse curso com outra pessoa ou sozinha?*

Sozinha, sozinha! Sozinha em casa. Não tinha mais ninguém não. Fazia com o rádio da família do Boechat. Ele levou lá para mim e deixou.

*Onde a senhora estava morando?*

Em Aperibé. E fiz o curso, recebi o certificado. Até há pouco tempo eu guardei a monografia.

*Qual era o tema da sua monografia?*

O pessoal necessitado das lavouras, os alunos meus necessitados. Eu aprendi com ela a fazer tudo! Então, quando eu vim para o serviço social, já tinha essa noção de visitadora social.

*A senhora já tinha o certificado de visitadora social. Nesse momento, o que se entendia como trabalho de uma visitadora social?*

Eu entendia que no tempo da guerra havia os pracinhas, a LBA foi criada e eles fizeram o curso de visitadoras sociais para atender as famílias dos pracinhas. Era para isso a visitadora social. Então viam-se as necessidades, comunicava-se com a LBA e a LBA dava assistência através da visitadora.

*E no caso da senhora, que estava no interior?*

Quando fiquei boa e terminei o curso, eu visitava as famílias de lá. Na minha monografia, eu me interessei mais pelos “filhos”, que eram os meus alunos, pelas crianças, porque eu sempre gostei de criança.

*Mesmo que não fossem pessoas que tivessem ido à guerra? Aí não tinha importância?*

Não tinha não. E tinha uma empregada lá em casa, dona Tonica, que o filho, o Zé Galinha [riso], tinha ido para a guerra. Mas eu fazia não só pela família do Zé Galinha, mas também pelos outros. E mandei para a LBA um relatório dizendo como fiz a monografia.

*A única visitadora dessa cidade era a senhora ou tinha outras visitadoras?*

Em Aperibé, sempre fui a única.

*A senhora soube de outras pessoas que tivessem feito esse curso pelo rádio?*

Muita gente deve ter feito.

*Como é que a senhora ficou sabendo que tinha um curso pelo rádio?*

Minha filha, eu lia jornal na farmácia, estava sempre atualizada. Não assinava, mas na minha infância me acostumei a ler jornal, papai assinava o *Correio da Manhã*. O jornal dava a notícia. Eu acho que o que o seu Alceu assinava *O Jornal* e o *Correio da Manhã*. Ele assinava uma porção de jornais. Eu ia para o meu trabalho de manhã e me distraía lendo jornal. Vi o curso e me inscrevi. Fiz tudo!

*Então, quando a senhora recebeu essa proposta de fazer a Escola de Serviço Social, já tinha tido feito esse curso?*

Já era visitadora. Mas eu não sabia mesmo as matérias fundamentais. O curso começou mesmo em 46. Eu vim para a escola que era, primeiro, de ensino médio. Dona Iolanda veio de São Paulo, do Instituto Social que fundou a Escola de Serviço Social de São Paulo. Vieram também professoras da Bélgica para fundar a Escola de São Paulo. Hoje a Escola da PUC.

*Exato.*

E uma amiga minha foi reitora da PUC, Nadir Kfourri. Foi por influência de Nadir que eu pude ir para os Estados Unidos estudar. Ela era muito inteligente, estudou lá em Pittsburgh, gostou e disse: “Nilda, vai para lá que você vai gostar.” Então eu fui.

*A senhora estava nos contando que dona Iolanda organizou um grupo de professoras...*

Vieram duas professoras com dona Iolanda: Heloisa Marcondes e Petra Calazans. E dona Iolanda contratou os melhores professores aqui de Niterói. A escola pertencia ao estado e à LBA, meio a meio. A LBA, primeiro, tinha um curso de visitadoras. Depois dona Alzira fundou a escola. Entre essas visitadoras estavam Inaiá Moraes, Violeta Saldanha da Gama, que depois foi minha aluna, e elas fundaram a escola. E depois uma diretora da escola do Rio, Maria Izolina Pinheiro, fez parte da comissão. Violeta, Inaiá, dona Alzira e o secretário de Saúde, que era Adelmo Mendonça. Eu acho que era Adelmo Mendonça.

*E o de Educação quem era?*

O de Educação eu não lembro quem era. Não sei se era o Rubens Falcão...

*Acho que era.*

Rubens Falcão. Conheci muito o doutor Rubens. Então foram fundar a escola. Dona Alzira foi uma mulher extraordinária. Quando fundaram a escola, dona Iolanda veio, começou. Quando eu vim, que separei a família, cheguei e precisava de mais dinheiro. Aí, fui ao Colégio Batista, que era na mesma rua da escola, Rua Tiradentes. Cheguei lá com a cara e a coragem, falei com o diretor, com dona Eva e com o pastor Adelino e disse: “Eu preciso trabalhar. Sou professora primária, estou estudando na Escola de Serviço Social e preciso ganhar para sustentar os meus irmãos que estão estudando.” Eu sempre tive sorte. Conversei com eles, que me entrevistaram e ele falou assim: “Ótimo! Porque tem uma professora que pediu demissão, você vem para lecionar.” Eu disse a ele: “Quando eu começo?” Ele disse: “Amanhã. Amanhã cedo.”

*E o que saiu no Diário Oficial, que a senhora disse que as outras ficaram enciumadas?*

A designação. Depois saiu a designação delas e elas sossegaram, não implicaram mais comigo.

*A senhora foi designada para quê?*

Para fazer o curso.

*Saía no Diário Oficial?*

Saía! Tinha que sair! O secretário de Educação e o governador autorizavam. As primeiras turmas da Escola de Serviço Social foram todas de professoras primárias. Era um decreto autorizando, uma permissão de exercício.

*Era uma autorização para a pessoa se afastar do local de exercício do magistério permanecendo com o seu salário?*

Isso mesmo, com o salário.

*Em dado momento, a senhora mencionou o Colégio Batista. Qual era a religião da sua família?*

Batista. Evangélica.

*E a senhora também seguiu a religião?*

Segui. Eu fui para Aperibé, tinha uma igreja muito boa e comecei a freqüentar. Tanto é que hoje eu estava lendo um livro escrito pela minha prima sobre a igreja católica de Santo Antônio de Pádua. Muito interessante. Ela já escreveu uns três livros e esse de Santo Antônio é uma beleza, porque eu lembro da igreja antiga. Mas sou batista, até hoje!

*Era a religião da família da senhora.*

Da família.

*Que era uma família de ascendência alemã.*

Alemã. Na família de papai, tia Maninha era católica, muito católica, sagrado coração. Mamãe era batista. Papai nos batizou todos na Igreja Católica, para não ficarmos pagãos. Nós fomos educados nesse espírito de liberalidade.

*O pai da senhora era um homem avançado?*

Papai era avançadíssimo! Eu vou dizer uma coisa de papai, que nos serviu a vida toda. Papai dizia assim: “Minha filha, quando você tiver que viajar algum dia na vida e for sozinha, vá para o melhor hotel.” Quando eu fui superintendente no Serviço no Rio, na Campanha da Tuberculose, quando eles marcaram para eu viajar para o Brasil todo, para dar curso do serviço, eu dizia: “Olha, o melhor hotel, hein!”

*E a sua vida social? A senhora namorava?*

Nunca tive namorado porque tive um plano de vida: estudar, fazer meu pé de meia, ir para frente! Eu vou contar, vou chegar nesse ponto.



*A senhora casou?*

Casei, mas depois de quarenta e tantos anos. Eu vou contar na hora [riso].

*A senhora disse que as alunas da Escola de Serviço Social eram, senão todas, a maioria absoluta, professoras primárias?*

Professoras primárias.

*O fato de ter feito Escola Normal então foi muito importante para sua carreira de assistente social?*

Foi muito importante!

*E isso era uma coisa que acontecia com frequência nesse período, de a professora ser aluna da Escola de Serviço Social?*

Aluna da Escola de Serviço Social. Porque só depois veio a modificação da escola para ensino médio. Eu, como presidente da associação de classe no Brasil, lutei muito com a Odila Cintra Ferreira, que era presidente da ABESS...

*A senhora era presidente da Associação Brasileira de Assistentes Sociais?*

Fui da diretoria nacional da Associação Brasileira de Assistentes Sociais durante dois períodos. Me puseram lá porque eu era uma lutadora. E comecei a lutar desde cedo. Quem me ajudou muito foi Dom Helder Câmara, que tinha muito prestígio junto ao ministro. E a Odila Cintra Ferreira, de uma família também tradicional lá de São Paulo, era presidente da ABESS: Associação Brasileira de Escola de Serviço Social. Então ela dizia assim: “Nilda, como você está no Rio e a Câmara dos Deputados é aí, vai levar todo esse dossiê da ABESS com tudo o que nós queremos.” Aí nós conseguimos. Tinha o doutor Anísio Teixeira, que era diretor do Ensino Superior; eu precisei de uma entrevista com ele, precisei falar com ele como ministro de Educação. Mas quem era eu? Era presidente de uma associação de classe. Então eu me utilizava muito de Dom Helder. Ele era ótimo!

*Isso nos anos 50?*

É, 50, 52. Dom Helder era muito amigo da Maria Luisa Muniz de Aragão. Tinha o Almeida Prado de São Paulo, que dirigia o Serviço Social do IAPC ou da Previdência. E então, elas, que eram muito amigas de Dom Helder, me apresentaram a ele. Eu me lembro que fui falar com o doutor Anísio porque eu queria que a escola se tornasse de ensino superior. Ele virou-se para mim e disse assim: “Por que você não fica no ensino médio?” Eu disse: “Escute aqui, por que você não pergunta isso ao farmacêutico, ao dentista, ao médico, ao advogado, ao engenheiro? Eu quero o melhor para a minha profissão.” Aí dom Helder entrou e começou a dizer: “É justo, é normal.” Dom Helder ainda dava um apoio muito grande, sabe? Então nós levamos na Câmara o dossiê. Eu ia à noite lá, assistia àquelas discussões e levava no outro dia para todos os deputados. E então, em 52 a Escola passou a ser reconhecida como de nível universitário.

*Completamente diferente do período em que a senhora fez a escola, que era de nível médio.*

De nível médio. Aí começou a Escola. Nós tivemos que ver a documentação toda no Ministério da Educação. Depois, em 54, saiu toda a regulamentação, o decreto, e nós ficamos aqui.

*No período em que a senhora estudava na escola, quais eram as matérias que se estudava?*

Ah, minha filha, nós estudávamos serviço social, serviço social de caso, serviço social de grupo, serviço social de comunidade, psicologia, direito... Tínhamos uma professora de política social...

*Política social?*

Política social. Tínhamos também medicina, higiene e medicina social, que era o secretário de Saúde daqui, o professor. E estudávamos essas matérias e ainda tinha uma coisa que dona Iolanda pôs: educação doméstica para aprender boas maneiras. Etiqueta.

*Como era essa educação doméstica?*

Era dona Maria Pereira das Neves, diretora da Escola Industrial Aurelino Leal, que dava a matéria. E tínhamos ainda administração, para aprendermos a administrar uma agência. E a Escola fundou lá no térreo, lá no porão, um escritorzinho de agência social, para aprendermos a organizar uma agência social com as escritas, com tudo o que era necessário.

*Uma espécie de laboratório.*

Laboratório.

*O que dona Maria Pereira das Neves ensinava? Como era isso?*

Ensinava a parte de educação doméstica. Fazer orçamento, porque tinha que ensinar esse pessoal a fazer orçamento, orientar a família.

*Aprendiam a cozinhar, esse tipo de coisa?*

Não. Não tinha nada disso não. A escola que ensinava isso era o Instituto Social de Mademoiselle Marssaud, que era na rua Humaitá e depois se tornou a Escola de Serviço Social da PUC. Elas tinham um serviço de preparação de educação doméstica. E essa escola foi fundada pela dona... aquela Guinle. Ela deu a casa da rua Humaitá, trouxe a mademoiselle Marssaud, uma francesa, trouxe as outras também francesas... Eu, depois de formada, ia dar aula lá e assistia a todos os exames. Vinham moças de sociedade que aprendiam a servir mesa, dirigir uma casa...

*Era mais de etiqueta então.*

Etiqueta.

*Mas, no caso da dona Maria, não? Era mais uma administração doméstica?*

Era administração. Ensinar como podia ensinar. E no escritorzinho, a gente aprendia a fazer um orçamento, as escritas de administração. Tínhamos um curso de administração.

*Algum professor se destacou, marcou a sua formação?*

Para mim, dona Iolanda. Olha, um dia ela me chamou no escritório – eu lembro tanto disso que acho graça [riso] – e perguntou assim: “Nilda, você era de que turma do Sion?” Porque ela estudou no Des Oiseaux, em São Paulo, que equivale ao Sion. E eu disse que não estudei no Sion. “As minhas primas estudaram. Eu estudei no Ginásio Municipal de Pádua.” “Você não foi do Sion?!” Eu disse: “Não. Não fui do Sion.” As minhas primas eram do Sion e era muito bom.

*A senhora tirava notas boas? Como eram suas notas?*

Só tirei notas boas!

*Era a primeira da turma?*

Ah, mas eu queria ser, queria porque queria!

*E as aulas, como eram?*

As aulas eram ótimas!

*O secretário de Saúde, que era o Adelmo Mendonça...*

Foi quem fundou a Escola.

*Como era essa aula?*

Ele já morreu. Foi meu professor de higiene e medicina social. Dava essa parte toda de higiene, essa parte da medicina social. Isso foi muito importante porque depois eu fui professora de assistência social médica e o meu primeiro trabalho está aqui. Eu organizei esse trabalho de tuberculose.

*D. Nilda está nos mostrando um livro cujo título é Serviço Social Indispensável à Tuberculose. É um trabalho de conclusão do curso da Escola de Serviço Social de Niterói, datado de 1948. Portanto é uma espécie do que nós chamamos hoje de monografia de conclusão do curso de graduação.*

De monografia. E também, sempre quando eu tinha adjuntas, muitas vezes elas chegavam cruas, sem conhecimento. Então eu preparava para elas um manual de serviço. Pegava o currículo da escola primária, escrevia as aulas feito apostila e dava para todas elas. Quando eu fui para a campanha da tuberculose...

[FINAL DA FITA 1-B]

*Como a senhora começa a se dedicar a uma área do Serviço Social que é ligada à medicina?*

Foi assim: Paula Souza fundou a Campanha Nacional Contra a Tuberculose. Ele era professor da Faculdade de Higiene de São Paulo e veio, no governo Dutra, eu não sei em que ano, e pediu à dona Iolanda que organizasse o Serviço Nacional de Tuberculose. Dona Iolanda falou para o Paula Souza: “Eu não posso porque estou na direção, mas vou levar uma assistente social que é o mesmo que eu.”

*A senhora aí já estava formada, dona Nilda?*

Não. Eu era aluna do último ano e fui fazer esse trabalho.

*Então era 1949, seu último ano na escola. A senhora entrou em 46...*

É, 46, 47, 48, mas o trabalho equivalia a um ano para terminar o curso, 49. Aí, dona Iolanda falou comigo assim: “Nilda, vamos lá que você vai trabalhar com o Paula Souza.” Como eu sempre fui muito disciplinada, eu disse: “Dona Iolanda, eu não quero trabalhar em tuberculose.” Ela: “Mas você vai!” Ela era muito autoritária. Aí, cheguei lá em casa, na Urca, e falei assim: “Mamãe, eu vou orar a Deus pedindo que me dê uma pneumonia para eu não trabalhar em tuberculose” [risos]. Em uma semana, não apareceu doença, nem gripe, nem nada, dona Iolanda falou para mim: “Você vai, mas para ficar 15 dias em São Paulo, pela Escola, e fazer um estágio com a Edith Rosseto, que trabalha em Saúde Pública, é assistente social. E vai também estagiar no Hospital das Clínicas, porque Maria Mesquita Sampaio organizou o serviço em São Paulo.” Eram todas colegas de dona Iolanda. Eu fiquei 15 dias fazendo estágio com Edith Rosseto e fui para o Hospital das Clínicas, para a dona Maria Mesquita Sampaio me ensinar alguma coisa que eu não sabia. Ela também havia feito o curso de especialização nos Estados Unidos e veio para fundar o Serviço Social no Hospital das Clínicas. Aí eu cheguei na Campanha.

*Na Campanha de Tuberculose aqui no Rio de Janeiro?*

Aqui no Rio, na rua do Rezende.

*Então a senhora foi chamada, fez uma série de cursos em São Paulo e retornou ao Rio?*

Retornei ao Rio, fui para lá e comecei a trabalhar. Fazia o serviço, e elaborava meu trabalho de conclusão de curso.

*E onde era essa campanha no Rio?*

Rua do Rezende, 128, Centro. Perto da Cruz Vermelha. Era ali o Serviço Nacional de Tuberculose. Tinha no pátio o Serviço de Lepra. A minha tese, eu organizei lá. Mas tive uma experiência anterior, quando era professora primária em Aperibé, em que eu preparava um manual de serviço para as professoras que chegavam. Eram apostilas para elas saberem ensinar, porque eu queria que ensinassem ao aluno. Na Campanha, essa experiência me serviu porque escrevi para os outros dispensários que foram fundados no Brasil, este manual de serviço.

*Dona Nilda está me mostrando um manual de Serviço Social dos dispensários da Campanha Nacional Contra a Tuberculose. Esse volume, essa separata que ela está mostrando é datada de 1960.*

Isso mesmo.

*Quando era professora primária, em Aperibé, e preparava o manual, a senhora já tinha feito pelo rádio o curso de visitadora social?*

Já. Mas eu o preparava para professora, porque queria que ela ensinasse bem. Elas vinham cruas e eu dava supervisão.

*Então a senhora era professora primária da escola, recebia suas auxiliares e preparava apostilas, manuais, para elas poderem ensinar.*

É.

*E transferiu essa experiência para a Campanha da Tuberculose.*

É. E aí a Campanha publicou o manual em uma revista, como está aí.

*Certo!*

Bem, quando eu fui para a Campanha, depois do serviço organizado, que eu escrevi o trabalho de conclusão do curso, o doutor Paula Souza achou que eu devia organizar os outros dispensários no Brasil. Por isso eu viajei muito. O serviço cresceu, ele então criou uma superintendência para coordenar o serviço no Brasil. Nesse período, escrevi o manual em que ensinava a preencher as fichas, dizia quais eram os objetivos... E continuava a ensinar na Escola.

*E esse manual era para as visitadoras?*

Não, para as assistentes sociais mesmo.

*Mas não eram as assistentes sociais que iam fazer o serviço de visitadoras?*

Não, não. Aí o doutor Paula Souza fez diferente. O doutor Rafael de Paula Souza fundou uma Escola de Visitadoras Sanitárias que tinha uma parte de enfermagem e uma parte de serviço social. Funcionava na Rua Álvaro Alvim, no décimo andar de um edifício. Eu lecionava a parte de serviço social; fui ensinar as visitadoras que iam no morro – eram visitadoras sanitárias, coordenadas por uma enfermeira e por uma assistente social. Agora, este manual que eu fiz foi só para serviço social.

*O que esse manual ensinava ?*

Ensinava tudo! Qual o objetivo do serviço, como atender o cliente, como preencher as fichas, como fazer relatório... Tudo isso!

*E isso a senhora fez por iniciativa própria?*

Iniciativa! Achei que tinha que ensinar. Quando ia aos dispensários, eu procurava saber se elas estavam com o manual e ver como é que estava funcionando.

*A senhora ia aos dispensários ver se a assistente estava seguindo o manual?*

Ia. Quando cresceu o serviço, o doutor Paula Souza criou uma superintendência e eu fui ser superintendente para coordenar o serviço no Brasil.

*Aí a senhora, evidentemente, já estava formada.*

Já estava formada.

*E a senhora começou nesse trabalho antes de se formar?*

Antes, orientada por dona Iolanda.

*Por que a senhora escolheu o tema da tuberculose?*

Eu não escolhi, minha filha, fui escolhida.

*Era a Campanha.*

Era a Campanha. Dona Iolanda me levou. Tanto que eu pedi uma gripe e a gripe não veio.

*Dona Iolanda chamou-a para ir trabalhar na Campanha Nacional Contra a Tuberculose. Na Campanha, a senhora fez sua monografia .*

Dona Iolanda me mandou fazer um estágio em São Paulo, 15 dias; fiquei lá quase um mês. Quando voltei, comecei a trabalhar.

*A senhora falou então que o doutor Paula Souza montou esse curso de visitadoras com uma parte de serviço social e uma parte de enfermagem. E a senhora aí escreveu um manual para as visitadoras?*

Não, não! Escrevi um manual para as assistentes sociais.

*Mas a senhora acabou de nos contar que escreveu um outro material sobre o serviço social para as visitadoras sanitárias.*

Eram funcionárias que Paula Souza contratou. Tinha uma enfermeira chamada Deuzuite, formada pela Ana Néri. Ela dirigia a parte da enfermagem e eu orientava a parte de serviço social.

*E quem trabalhava eram pessoas que se chamavam visitadoras sanitárias?*

Visitadoras sanitárias.

*E o que é que fazia uma visitadora sanitária?*

Ih, minha filha! Elas iam no morro, orientavam as famílias de tuberculosos, e os tuberculosos. Orientava, via a questão das crianças tomarem BCG quando nasciam... Se estavam abandonando o tratamento elas traziam novamente para o dispensário... Era a função da enfermeira de saúde pública.

*Mas esse trabalho da senhora é impressionante. Era comum fazer um trabalho desse?*

Todos faziam!

*Mas para monografia de final de graduação?*

Tinha que fazer. Todos tinham que fazer.

*E é bom que se registre que era uma escola de nível médio nesse momento.*

Pois é, depois é que viria a ser superior. Aí eu fui para a Campanha para ter nível superior e consegui. E aconteceu que eu também fui eleita, depois de viajar o Brasil todo pelo serviço, presidente da diretoria nacional de assistentes sociais. Eu fiquei dois períodos. Nesse período eu pude ver, pude saber do ensino superior, com dona Odila Cintra Ferreira que era da ABAS (Associação Brasileira de Assistentes Sociais). Nesse período todo eu lecionava Serviço Social Médico na Escola e em outras escolas do Rio, porque eles me pediam para dar palestras. E eu então, quando viajava pela Campanha, em alguns lugares como Mato Grosso por exemplo, pediram ao Rafael Paula Souza para eu dar início a uma escola de serviço social em Cuiabá. Eu fui, fiquei uma semana dando aulas para preparar o pessoal, depois o doutor Paula Souza mandou uma assistente social para lá chamada Antônia de Oliveira, que era formada aqui na Escola, e fundou a escola lá.

*A senhora começou esse trabalho, na área de medicina sanitária, principalmente em relação à tuberculose, ainda aluna. Nesse momento, no Brasil, estava havendo uma mobilização muito grande para o combate à tuberculose.*

Muito grande! Por isso que tinha a Campanha! O combate à tuberculose foi uma coisa extraordinária! O doutor Paula Souza tinha a parte de engenharia – meu Deus, esqueci o nome do engenheiro que fundou Curicica e outros sanatórios. Simples! Sanatórios como combate de guerra. Não tinha aquela estrutura de elevador... Era um engenheiro que eu quero lembrar o nome. Parece que há pouco tempo morreu um filho dele, um engenheiro, um arquiteto de nome.

*A senhora se tornou chefe do Setor de Serviço Social em nível nacional.*

Em nível nacional. Chamava-se superintendência.

*Era uma situação de grande prestígio.*

Eu viajava muito. Outro dia estava até lembrando que quando havia problema em algum sanatório, o doutor Paula Souza dizia assim: “Dona Nilda, a senhora vai lá porque me traz um relatório muito verídico.” Porque eu sempre fui assim, vocês estão vendo.

*O que a senhora fazia nessa sua função? Quando é que a senhora começou na chefia?*

Ah, minha filha!... Foi em 56, 57

*E ficou até a década de 60, não?*

Ah, eu trabalhei no Serviço Nacional de Tuberculose uns 13 anos. Depois eu fui para os Estados Unidos fazer um curso. Mas eu viajava o Brasil todo, até o Amazonas. Fui para dentro das escolas de assistência social de lá, trazia assistentes sociais para o Rio, para fazer estágio em Curicica ou em outro dispensário. Elas voltavam e eu ia lá fazer supervisão. E tinha no meu gabinete duas supervisoras, uma até já morreu, a Helena Farah, que foi diretora da Escola de Serviço Social do Rio, do Instituto Social, e depois foi diretora de Curicica, do serviço social.

*Do próprio sanatório?*

Do sanatório. Mas tinha uma porção de assistentes sociais lá em Curicica e também no dispensário. Vera Drumond era supervisora

*Vera Drumond era subordinada à senhora?*

Era. Tinha mais umas duas, aquela menina... Fleury, Maria Estela Fleury. Neide Santos, mãe do Turíbio Santos. Elas faziam a supervisão. Muitas vezes elas iam ao Amazonas ver os serviços...

*O trabalho era muito intenso, pelo que eu estou vendo.*

Muito intenso, minha filha! É por isso que eu fico triste quando vejo que não tem mais nada no Brasil!

*A senhora teve algum empecilho nessas viagens pelo fato de ser mulher?*

Não, não teve nada! Nunca tive! É interessante, eu não senti nenhum preconceito não. Muitas vezes, nesses estados, se eu não fizesse esse manual - Função da Assistente Social- e não tivesse supervisão, teria sido muito desagradável. Muitas vezes um diretor de sanatório lá no interior do Norte, do Nordeste, queria que a assistente social ajudasse a... vestir o defunto.

*- Ou seja, não havia uma percepção exata do papel da assistente social?*

Não era esse, o papel. E quando tinha esse curso para médico de saúde pública e eu vinha dar aula [riso], lembro bem que eles ficavam... porque eu não era muito feia não, sabe? Tinha uma boa aparência [riso]. Era muito engraçado porque aqueles médicos do Brasil todo ficavam assim: “Mas dona Nilda, a senhora viaja muito!” Eu viajava. Eu fui fazer um curso em Buenos Aires, depois eu fui fazer um curso no Chile para ver como eles faziam a reabilitação de tuberculosos. E eles diziam: “Dona Nilda, por que a senhora não casa?” “Porque não é meu plano de vida ainda. Quando chegar a hora, vou casar.” Eu dizia: “Não é meu plano de vida!”

*Dona Nilda, a senhora acumulava, pelo que estamos percebendo, a chefia do setor de Serviço Social da Campanha Nacional Contra a Tuberculose com o trabalho de professora.*

Na Escola de Serviço Social, porque eu lecionava Serviço Social Médico. E depois passei a lecionar Serviço Social de Caso com Serviço Social Médico. Uma aluna minha que se especializou, Maria Cândido, ficou lecionando Serviço Social Médico.

*Então, na chefia de setor, a senhora fazia um trabalho grande de supervisão de toda a parte de serviço social em sanatórios, em dispensários e, durante esse período, viajou praticamente pelo Brasil inteiro.*

É, pelo Brasil inteiro. Mas eu fazia assim: as minhas supervisoras viajavam, eu viajava no período de férias da faculdade, porque eu lecionava. Eu vinha lecionar na escola toda manhã e à tarde trabalhava no Serviço Nacional.

*Como era esse seu curso de Serviço Social Médico?*

Eu não ensinava serviço social. Tem isso aqui que eles publicaram: “Os objetivos, o problema do paciente tuberculoso, o serviço social em diferentes unidades. O que é o serviço social médico, o que o serviço social médico vai fazer em relação ao doente, à família do doente, nos hospitais, hospital geral, como a Escola foi responsável pela fundação do serviço social aqui no Hospital Universitário Antônio Pedro.” Era muita atividade, sabe? Mas era muito gostoso.



*Acabou se tornando uma área de especialização importante para o assistente social.*

Importante para o assistente social. A Dorinha, minha irmã, é especializada em Serviço Social Médico.

*Então a senhora tem uma irmã que também fez a Escola de Serviço Social?*

Assistente social. Fez. Dirigiu o serviço social no Antônio Pedro e foi minha auxiliar de assistente na cadeira de Serviço Social de Casos. Mas eu era muito exigente! Fazia prova igualzinho aos outros. Se passasse, passava. Se não passasse, não passava [riso].

*Dona Nilda, a senhora falou que foi professora de Serviço Social Médico e também foi de...*

Serviço Social de Caso. Depois que a Escola passou a nível superior, criaram a cadeira separada de Serviço Social de Caso, de Saúde em Grupo e de Comunidade. Eu fiquei com o Serviço Social de Caso. Lá nos Estados Unidos, eles chamam de *Personality Development*, Desenvolvimento de Personalidade, que é o serviço social de caso. É básico no serviço social. Não sei se continua assim porque eu estou afastada há muitos anos e me afastei mesmo. O Serviço Social de Caso era a base, por isso que na Escola de Serviço Social estudava-se administração, tinha aquele estágio no escritorzinho, para poder saber dirigir uma agência de serviço social, um departamento.

*Já conversamos sobre as mudanças que ocorreram na Escola, principalmente quando ela passou do nível médio para superior. Mas quais foram as mudanças, do período que a senhora estudou, que foi aluna, para o momento em que foi professora, nos anos 50 e 60? Por exemplo, quem era aluno da Escola de Serviço Social? A senhora já nos disse que no início eram principalmente professoras primárias, portanto mulheres.*

É, mas depois entraram homens para a Escola, quando passou para nível universitário e foi fazer parte da universidade, quando foi criada a Universidade do Estado do Rio em 1960. No princípio ela ficou dois anos agregada. Depois passou a ser integrada, então havia o vestibular. Entravam pelo vestibular como em toda universidade.

*De qualquer maneira, tinha mais mulheres do que homens, não?*

Não, não. Artur Rios foi muito meu amigo lá no Rio, na ABESS (Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social), na diretoria nacional. Mas então, entrava no vestibular. E as matérias eram as mesmas, os professores eram professores universitários... E a Escola funcionava na rua Tiradentes, depois que passou a universidade. Quando foi fundada por dona Alzira, a Escola pertencia à LBA. E quando a escola fez, parece, 25 anos, dona Alzira ainda era viva; eu estava na direção e fiz uma homenagem a ela. Porque dona Alzira era uma mulher extraordinária.

*A senhora encontrou-se com ela algumas vezes?*

Muitas vezes. Uma vez, o comandante [Amaral Peixoto] era ministro de Viação e Obras Públicas, o gabinete era ali na Praça XV, a Escola já era do estado e estava sem dinheiro. Eu fui à dona Alzira e ela resolveu tudo para mim.

*Como a senhora conheceu dona Alzira.?*

Pela Escola de Serviço Social. Ela fundou e nunca se afastou da Escola.

*Então a senhora, já como aluna, tinha contato com ela?*

Tinha, porque dona Iolanda se comunicava com dona Alzira. E depois que eu me tornei professora e cheguei a diretora, me comunicava com a dona Alzira no caso de problemas mais sérios.

*E ela sempre a ajudava?*

Sempre! Ela foi uma mulher extraordinária! Extraordinária! Vocês podem dizer à Celina [Vargas do Amaral Peixoto] que a Escola do Estado do Rio deve muito à mãe dela. Muito mesmo! Ela fundou a escola, escolheu os melhores professores de São Paulo, como dona Iolanda... Porque dona Alzira era também do Rio Grande do Sul, não?

*Era. A senhora conheceu a dona Darci, a mãe da dona Alzira?*

Não, Darci não. Conheci assim...

*Certo. Mas nunca esteve com ela.*

Não, não. Dona Alzira é que foi extraordinária, a Escola do estado do Rio de Janeiro deve tudo a ela.

*E quando a senhora foi chamada para dirigir a Escola? Como foi isso?*

Já foi eleição. Eu fui eleita por uma congregação e fiquei dois períodos. Fui vice- diretora de Violeta, que foi minha aluna; Violeta Campofiorito. Ela foi diretora escolhida por dona Alzira. No meu tempo era eleição, lista tríplice, Conselho Universitário, aquela coisa toda. Quando Violeta saiu, eu era vice-diretora e fiquei na direção até a eleição.

*E aí a senhora foi eleita.*

Fui eleita. Quando Violeta se afastou, eu era vice-diretora e assumi. E quando terminou o período dela, a congregação se reuniu e me elegeu. Mas eu nunca deixei o trabalho do Rio não. Fiquei lá no Rio sempre trabalhando na Campanha. Era o serviço social. Depois, antes de ir para a direção, eu fui para os Estados Unidos fazer mestrado.

*Mas antes dessa viagem de estudos a senhora foi para a Argentina, não?*

Argentina. Buenos Aires, para um curso de verão.

*Isso foi em 1952. Estamos sabendo disso por causa do currículo.*

[Riso] Eu não guardo muito a idade, datas. Eu fui para Buenos Aires fazer um curso de verão na Escola de Serviço Social, que era nessa Faculdade de Direito. Eu fiquei lá, gostei muito, mas achava que a nossa aqui estava melhor, sabe?

*Quanto tempo a senhora ficou lá?*

Fiquei três meses.

*O Serviço Social já estava melhor aqui?*

Melhor, melhor. Eu fui no tempo do Perón. A dona Evita era muito bonita, ela fazia aquele curso de trabalhadores... Havia muita demagogia, sabe? E a Escola ia também dentro da mesma linha, da mesma ordem. E eu achava que nós, aqui no Brasil, éramos diferentes, tínhamos mais princípios científicos, pesquisa...

*A senhora achou que a escola lá era muito política?*

Muito! Não gostei.

*E isso se devia principalmente à influência da dona Evita?*

Evita, o Perón, aqueles descamisados. Depois que voltei, consegui uma bolsa de estudos da Escola para o Chile.

*Mas esse curso na Argentina foi sobre o quê? Era um tema especial, curso de verão...*

De legislação do bem-estar social.

*E esse curso foi em 52?*

Eu acho que foi.

*Mas a senhora, antes desse curso, fez uma viagem ao Chile também.*

Eu fui ao Chile e gostei muito das escolas de lá. Uma era da PUC. Quem fundou foram duas senhoras muito ricas, chamavam senhoritas *Izquierdo*. E tinha a escola da universidade, que era – eu não esqueço esse nome – uma senhora muito bonita chamada Luz Cornal de Romero. O marido era ministro de Educação e ela era inteligentíssima, brilhante! Eu achava o nome de acordo com ela.

*Então a senhora nessa viagem anterior a 52, senão me engano em 50...*

Eu não guardo a data.

*Não, mas eu estou acompanhando pelo seu currículo. A senhora foi ao Chile e...*

E lá tinha duas escolas. Eu fui ver a administração das escolas.

*Aí a senhora mencionou agora, durante a nossa conversa, que fez uma viagem em função de seus contatos em São Paulo.*

Não, isso foi no princípio.

*Ah, não foram essas viagens.*

Não, não, não. Essa de antes foi para me preparar para o serviço de tuberculose, mandada por dona Iolanda.

*Então a senhora já conhecia alguma coisa do serviço social na Argentina e no Chile.*

No Chile.

*Com esses conhecimentos a senhora foi para os Estados Unidos.*

Depois de muito tempo eu fui para os Estados Unidos, em 56, 57. Nadir Kfoury falou: “Nilda, você vá para Pittsburgh.”

*Nadir Kfoury era de São Paulo.*

São Paulo.

*A senhora falava inglês?*

Enquanto eu estava trabalhando, estudava inglês feito uma louca. Eu estudava à noite com miss Farmer.

*A senhora tinha professora particular?*

Particular de inglês. Eu ia primeiro com uma bolsa de estudos para Londres, mas fui fazer prova e perdi. E miss Farmer achava um absurdo eu ter perdido, não ter sido selecionada, ter sido reprovada.

[FINAL DA FITA 2-A]

...Era muito engraçado. Para aproveitar e fazer conversação, quando saía do meu serviço no sábado – porque eu trabalhava sábado, hein! Ia trabalhar, com a minha secretária, via o serviço, o que fazia. A Iara, minha secretária, ia comigo. Até hoje somos muito amigas.

*Iara de quê, dona Nilda?*

Iara Freitas, parece. Eu saía, telefonava para miss Farmer, que era magra, alta, escura.

*Qual era a nacionalidade dela?*

Ela era americana. Aí eu ia com ela todo sábado almoçar na Colombo, porque aí nós conversávamos em inglês.

*Ah, mas que aula de inglês maravilhosa!*

Pois é. E ela já esperava. Eu dizia: “Miss Farmer, nós vamos, é minha hora certa.” Eu pegava o carro do serviço, apanhava a miss Farmer e íamos para a Colombo. Era muito engraçado porque eu era loura – tinha um pouco de água oxigenada – e baixa e a miss Farmer era preta, magra, alta. Então era uma figura engraçada. Eu tinha aula de conversação, mas nunca deixei de ter aula com ela três vezes por semana, à noite. Muitas vezes eu chegava tão cansada para a aula, que a miss Farmer ia fazer um chá para mim, para eu poder ter ânimo. Ela era muito interessante. E aí eu fui

fazer prova, porque fui para os Estados Unidos pelo Ponto 4. Havia, na embaixada americana, uma política de cultura da boa vizinhança e tinha o Ponto 4. Uma bolsa de estudos, não era bolsa de estudos propriamente, era para professoras universitárias que tivessem um trabalho na área. E como eu também era presidente da associação de classe – o americano gosta muito disso, sabe? Gostava, hoje eu não sei – então eles me aprovaram.

*Aí a senhora foi para Pittsburgh.*

Fui para Pittsburgh e fiz o mestrado, com a autorização do governo para estudar. Primeiro eu fui a Washington, para melhorar a minha pronúncia, que nunca foi boa, na American University. Mas não melhorou não. Tinha aqueles aparelhos, mas não melhorou. Para mim não era problema porque, quando eu queria falar, eu pedia licença e ia ao quadro. Escrevia e dizia: “Para vocês entenderem melhor o que eu estou falando.” Um dia o professor de Política Social começou a falar sobre América Latina, expectativa de vida, que nos Estados Unidos era maior... Eu levantei a mão assim e disse: “Eu quero falar.” Fui no quadro e falei com eles que eu preferia morrer no Brasil com quarenta anos do que ficar velha nos Estados Unidos. Eu via aquelas velhinhas de chapéu com flores assim, tão abandonadas, tão isoladas, tão solitárias, tomando martini num bar. No Brasil, nós tínhamos essa política: eu era do interior, ficava a mãe, o avô, a avó, a madrinha, agregados. No interior era assim. Então, todo mundo tinha espírito familiar.

Outra vez eu fui a um congresso de menores e eles estavam fazendo um movimento para trazer crianças da Coreia para os Estados Unidos. Aquilo me encheu tanto, de tanto que eles falaram em gastar dinheiro, que pedi a palavra. Eles davam, porque são muito liberais. Era um grupo de estudos e eu falei: “Escutem uma coisa, vocês pensam que na Coreia não tem família? Por que querem desarraigar, desestruturar as crianças da Coreia, para virem estudar aqui, ser adotadas por família americana, para sofrer preconceito?! Então o dinheiro, essa verba enorme, manda lá para a Coreia e manda supervisão para ver se está sendo empregado direito. É muito mais econômico e a criança não vai sofrer.”

*Agradou esse comentário, dona Nilda?*

Não agradou não. Mas não me incomodava, minha filha. Na minha avaliação, estava assim: “Agressiva. Tem mais influência alemã do que latina.”

*Ah, é! Tinha isso na sua ficha?*

Tinha, na minha ficha!

*De avaliação?*

De avaliação. Ué! Eu aprendi muito. Porque eu tive uma professora, miss Cockrer, inteligentíssima! E [riso] eu era muito preconceituosa, sobre divórcio, essas coisas assim. Aí eu falei com miss Cockrer sobre um negócio que nós estávamos conversando, a supervisão, aquela coisa toda, e ela disse assim: “Nilda, você tem preconceito?” Eu disse assim: “Acho que não tenho não.” Depois eu parei... “Acho que eu tenho sim. Eu sou contra divórcio. Porque eu calculo, eu penso” – eu via muito o padre Leonel Franca – “e acho o seguinte: quem se divorcia está fichado. Não se encontrou na vida.” Ora! Ela se virou para mim e disse: “E o que você acha de mim?” Eu disse: “Eu acho a senhora muito inteligente, muito equilibrada...” Ela disse assim: “Já me divorciei duas vezes.” Minha filha, caiu a cara! Caiu a cara! E quando eu estava lá, na matéria que eu lecionava, houve uma coisa muito interessante. [Riso] Eles disseram assim para mim: “Olha, miss Nilda, a sua bolsa permite ter um analista. A senhora vai ser analisada porque a sua matéria é

muito importante. Vai ser analisada.” Terá um psicanalista – [riso] Agora vocês vejam quem eles arranjaram para ser meu psicólogo, meu psicanalista: um chinês, cidadão americano que estudou na universidade. Eu disse: “Vocês não acham que a cultura é muito diferente? Como é que vai ser isso? Ele está estruturado naquela cultura dele.” “Ah, mas ele é diferente!” “Não. Vocês escolham outro.” Eles me arranjaram outro.

*Era um psicólogo, como se fosse um analista?*

Era um analista. Porque a matéria precisava. De fato, a gente que lecionava Serviço Social de Caso precisava ter uma certa compreensão mesmo, senão projetava problemas... É verdade.

*E a senhora gostou dessa experiência nos Estados Unidos?*

Gostei demais da experiência. Gostei demais da escola de Pittsburgh... Dos professores. Aprendi muito. Eles foram tão gentis comigo que muitas vezes havia reunião do Conselho e eu assistia. Fazia parte da administração. Eles são muito liberais.

*A senhora ficou quanto tempo lá?*

Fiquei dois anos.

*E fez o mestrado?*

Fiz o mestrado.

*Fez a tese também?*

Não cheguei a fazer porque eu precisava vir embora. Mas eu tenho os meus *papers* todos.

*A senhora teve medo de ir para os Estados Unidos sozinha?*

Não. Eu era muito audaciosa. Eu estava dizendo, fui fazer um estágio no Harlem e fiquei na International House, uma casa para estudantes estrangeiros, fundada pelo Rockefeller. Ficava no Riverside Drive. Você sabe que eu saía, ia a museus, assistia conferências sobre Picasso, ia ao teatro sozinha à noite... Era muita coragem! Eu não faria isso hoje.

*A idade tem essas coisas, a gente é corajosa quando jovem...*

É, coragem, minha filha...

*E o medo de avião, a senhora já tinha nessa época?*

Eu cismava. Eu ia viajar, ficava com medo do avião cair... Não sei o que era, me dava uma neurose e eu voltava para casa.

*A senhora disse que ficou dois anos em Pittsburgh. E foi em 56.*

Voltei em 58. Aprendi muito.

*O que principalmente a senhora aprendeu?*

A matéria que eu lecionava. E outra coisa em que miss Cockrer foi muito liberal: me autorizou a traduzir trabalhos dela. Eu traduzi aqui para o Brasil, lá para as minhas alunas. E aprendi muito, a parte de supervisão principalmente, porque nós tínhamos dificuldades aqui no Brasil em supervisão. Tanto que, quando eu era presidente da associação de classe, pedi à embaixada americana e eles mandaram buscar, pelo Ponto 4, essa americana que deu um curso de supervisão.

*Dona Nilda está me mostrando um impresso da Associação Brasileira de Assistentes Sociais sobre o 2º Seminário Nacional de Serviço Social, sob a orientação de miss Geneviève Nery Ryan, provavelmente. Ela era diretora do Serviço Social de Casos do Founding Hospital of New York.*

Ela veio pelo Ponto 4.

*O que é esse Ponto 4?*

Menina [risos]! Eu não sei como é que eu vou explicar a vocês. Havia a Política da Boa Vizinhança na embaixada americana, naquele período todo. E havia uma parte cultural que era chamada Ponto 4.

*Estava ligado ao Rockefeller?*

Não. Estava ligado à embaixada americana, à parte cultural. Departamento de Bem-estar dos Estados Unidos, parte cultural. E então, a gente pedia, eu ia agradecer, ia muito à embaixada. Pela associação de classe, eu pedi que viesse uma professora para dar o curso e eles me mandaram. E essa publicação também, quem mimeografou foi a embaixada. Porque eles gostavam de fazer divulgação. Era o Ponto 4 do programa.

*Ah, então a parte de serviço social integrava o Ponto 4 do Programa de Boa Vizinhança?!*

Ponto 4 do Programa de Boa Vizinhança, parte cultural.

*Dona Nilda, a senhora falou que aprendeu muito, mas fez também alguns comentários a respeito das diferenças culturais existentes entre o Brasil e os Estados Unidos. E falou agora que foi a Nova York.*

Fui nas férias, minha filha, para fazer estágio. No Departamento de Saúde Pública de Nova York, a assistente social ficou sendo a minha *adviser* enquanto estive lá. Ela me disse assim: “Olha, você vai fazer um estágio no Harlem, que lhe será muito bom no Brasil.” Eu digo: “Eu vou ensinar essa dona.” Eu fui no Harlem. Aí ela chegou e disse assim: “Você vai no Harlem, miss Ney? Você leva o seu sanduíche, o seu almoço.” Eu virei para ela e disse assim: “Escuta aqui, lá onde eu vou fazer estágio eles não comem não? Eu vou comer junto com eles.” Ela disse: “É, vai?!” Aquele preconceito.

*Porque o Harlem é um bairro negro, não?*

Negro. E lá nesse hospital onde eu fui fazer estágio, que ela disse que era igual ao Brasil, os médicos eram italianos, suíços, judeus... não tinha americano.

*Ela queria dizer que seria útil para a senhora porque o bairro era negro e o Brasil era cheio de negros.*

Com certeza, ou subdesenvolvido. Aí eu falei: “Eu vou lá.” Fiquei lá um período de férias, um mês, fiz meu relatório. [Riso] Nesse relatório é que disseram “brasileira agressiva”.

*Por causa desse relatório?*

Eu disse que no Brasil não tinha nada disso. No Brasil era um problema econômico. Mas que eu acreditava que os jovens do Brasil, essa nova geração, havia de fazer uma mudança muito grande – Mentira, está tudo igual! Mas eu acreditava mesmo. Estagiei também no Manhattan Beach sanatório, completamente diferente do Harlem, era uma coisa boa: médicos, laboratórios, pesquisas. E eu estagiei no Health Rehabilitation Center, que era um centro de pesquisas da universidade, era uma coisa extraordinária! E lá no Harlem, minha filha, Deus meu!

*E esses casos que a senhora fez no Harlem, era também num hospital?*

Era num hospital de saúde pública, num dispensário. Ah, Deus meu!

*E o que a senhora viu lá?*

Ah, vi coisas que não eram iguais aos outros que eu tinha visto! Aqueles laboratórios, aquelas pesquisas...

*As pessoas lá estavam maltratadas, abandonadas?*

Não, não eram maltratadas não. Mas era um padrão diferente dos outros...

*E a senhora achou que era porque serem negros?*

Achei que era por serem negros.

*E colocou isso no relatório?*

Eu coloquei, minha filha! Não tinha isso não!

*Sei. Mas isso desagradou, não?*

Pode desagradar a quem quiser...

*E seus colegas do mestrado eram todos assistentes sociais?*

Não, não! Eram assistentes sociais os da escola de Pittsburgh. Mas lá era o seguinte: para fazer um mestrado numa escola, tinha que trabalhar, ganhar dinheiro, porque lá se paga! Não é esse negócio gratuito não. Então, como eu estava lá com todo privilégio, tinha dinheiro para comprar livros, aquilo eu acho que não fazia muito bem para eles não, os estudantes.

*E havia outros estudantes estrangeiros?*

Lá em Pittsburgh tinha uma alemã, de quem eu era muito amiga.

*Mas a maioria era americana então.*



Era americana mesmo.

*A senhora conheceu Nise da Silveira?*

Conheci a Nise! Ela dirigia a Casa das Palmeiras e eu mandei muita aluna da Escola fazer estágio lá. E a Nise foi analisada por Jung. Ela ia à Europa e voltava para lá. Uma das vezes a Nise disse assim: “Nilda, você vai ver qual o seu totem. Qual é o animal que você sonha?” Essa da Nise foi fantástica! Aí eu disse: “Doutora Nise” – porque era doutora – “eu estou sonhando com cachorro. E eu estou lendo tudo sobre cachorro e pareço muito com cachorro. Mas o meu totem é um pastor alemão.” [Riso] Aí a doutora Nise disse assim: “Você é muito presunçosa, não é, Nilda. [risos] Por que não um vira-lata?!” Porque ela tinha a Clara. Lembra da Clara ?Ah, a cachorra da doutora Nise da Silveira.– “Por que é que você não tem um vira-lata?” Eu disse: “Não, doutora! O meu totem é um pastor alemão.” Ela disse: “Mas você é muito presunçosa. Olha, Nilda, você é muito dominada pelo intelecto, pelo racional. O dia que a sua parte emocional vier a tona, ela vai dominar essa parte racional.” Meninas, a Nise falou a verdade! A doutora falou a verdade. Vocês sabem, eu estava na direção da escola, um professor chegou lá e disse assim: “Dona Nilda, vou ter que sair com um colega, vou no Palácio do Governo. E a senhora pode chamar a secretária e dar a ela essa hora da aula.” Aí eu fui, tinha uma sala na entrada, para ver quem era o colega. Quando eu cheguei, minha filha, era um que tinha sido colega meu de ginásio, em Pádua, que estava desquitado... Olha como valeu bem eu ter estado nos Estados Unidos. Não tinha divórcio no Brasil ainda, era desquitado. Aí nós conversamos, aquela alegria, porque se passaram anos, trinta anos! Aí ele começou a me contar a vida dele e disse: “Valdemir, espera aí que eu vou conversar com a Nilda!” Aí ele me contou que tinha casado, tinha se separado, tinha morado, se casado outra vez... Eu disse: “Mas você é muito leviano, hein?!” Minha filha, começamos a sair... acabou que fui morar com ele. Porque não havia divórcio. Meu primo, que era professor da Faculdade de Direito e muito meu amigo, doutor Romeu Rodrigues Silva, que foi desembargador, falou: “Não, Nilda, você não pode! Nós vamos ver esse casamento ou no Uruguai ou no México, em qualquer lugar! Na nossa família não tem isso de juntar.” Eu disse: “Mas olha, lá em Pádua diziam que amigado com fé, casado é.” Ele disse: “Mas não tem isso não.” Aí ele me indicou o Mansur, um advogado amigo dele, gastamos dinheiro em dólar, fez lá e veio a certidão de casamento!

*Do Uruguai?*

Do México. E depois que chegou o divórcio no Brasil, nós nos casamos. Fomos os primeiros que casamos. Eu já não queria casar, já estava habituada [risos].

*E a senhora teve filhos, dona Nilda?*

Não, não tive não porque já casei velha. Com quarenta anos, mais de quarenta anos. E eu tinha medo de ter um filho que viesse com uma deficiência qualquer.

*E a senhora conheceu o Mário Magalhães também?*

Muito!

*Ele teve um papel importante nessa área da saúde, não?*

O Mário trabalhou no Serviço Nacional de Tuberculose. Ih, mas ele era muito engraçado! Ele era amigo do Rogério Konder, que era comunista. Aquele grupo todo. Mas o Mário era uma figura excepcional!

*E de um humor muito agudo, não?*

Bom humor. E ele ria comigo porque quando eu estava na Campanha, quando eu fui para os Estados Unidos, eles todos foram almoçar comigo! Para as despedidas.

*Então a senhora já conhecia a doutora Nise antes de ir para os Estados Unidos?*

Muito antes de ir para os Estados Unidos!

*Foi por conta do trabalho da senhora na Campanha?*

Foi. E ela dirigia a Casa das Palmeiras, tinha a Clara, aquela cachorra. A Nise era extraordinária e eu levava os alunos meus da Escola para fazer estágio na Casa das Palmeiras. A Nise foi a primeira que tratou do esquizofrênico. A esquizofrenia não tinha cura e a Nise tinha uma experiência muito grande lá do Museu do Inconsciente, no Hospital Pedro II. Nise era inteligentíssima! Eu tenho um livro dela, que eu comprei...

*Ela tem vários.*

Mas esse último...

*Do Museu do Inconsciente?*

É. Mas eu gosto muito, gostava muito. E Lígia Loureiro, trabalhava com a Lígia Loureiro Cruz, uma assistente social muito rica, de São Paulo, que morava no Rio. Era muito amiga de Nise e trabalhava como voluntária na Casa das Palmeiras. A Lígia depois vendeu uns edifícios que tinha em São Paulo e foi para Florença. Morreu lá.

*A senhora freqüentou a casa da Nise?*

Freqüentei. Fui com a Lígia, que era minha amiga e amiga dela.

*Dona Nilda, a senhora mencionou nomes de assistentes sociais, todas mulheres e algumas delas ricas. Nesse início, que tipo de clientela, que tipo de moças faziam assistência social?*

[Riso] Eu vou contar para vocês uma coisa que não gosto de falar. Eu estava lutando pelo reconhecimento do ensino de serviço social como de nível superior. Doutor Rafael de Paula Souza era casado com Carmem Prudente de Moraes, da família Prudente de Moraes, e a irmã dela, Adelaide Prudente de Moraes, era amiga da Lígia. Porque Lígia também era de São Paulo, de quatrocentos anos. Então, doutor Paula Souza virou para mim e disse: “Dona Nilda, o Serviço Social vai cair muito porque as assistentes sociais lá de São Paulo são todas da classe A” Da elite. Lígia Loureiro era assistente social. Atil Almeida Prado, Balbina Otoni, da família Otoni, Maria Augusta Albano, do Ceará. E tinha a Josefina Albano, que dirigiu, quando eu estava nos Estados Unidos, o Serviço de Bem-Estar da OEA, quando estava lá o pai desse rapaz que escreve no jornal, Veríssimo.

*Ah, o Érico Veríssimo!*

É. Estava lá também na OEA. Então doutor Paula Souza disse assim para mim: “Olha, vai acabar isso!” Eu digo: “O que importa?! O importante é dar oportunidade ao povo de estudar. E nós, presidentes das assistentes sociais, compreendemos o povo...” Não é mesmo? Porque se você está lá, com uma vida folgada, como é que você vai compreender?!

*E como é que a senhora explica isso? Ter tanta assistente social da classe A?*

Porque eram assistentes sociais formadas no Instituto Social Feminino de São Paulo. Vieram as assistentes sociais da Bélgica. Era a dona Odila Cintra Ferreira, a irmã dela, dona Amália, casada com um Matarazzo... e por aí você está vendo. Dona Iolanda... Brito Antunes Maciel. Então, quem fundou o Instituto Social foram essas madames.

*Isso lá em São Paulo. Esse Instituto Social se chamava...*

Instituto Social Feminino. Elas estudaram. E aqui no Rio começou também com mademoiselle Marssaud. A Escola de Serviço Social da PUC de hoje também era desse grupo...

*E a própria dona Iolanda, pelo que a senhora está falando, também era uma mulher de sociedade.*

De sociedade. Quem era peixe miúdo era eu.

*Eu sei que muitas vezes esse trabalho das assistentes sociais é confundido com filantropia...*

Mas não é não.

*Pois é. Mas na filantropia justamente tem muitas senhoras da classe alta...*

Mas elas fizeram curso porque viram que não bastava só a parte de assistencialismo. Era necessário conhecimento, embasamento cultural para poder mudar. Porque nós não mudamos ninguém. Só dar cesta básica, não resolve o problema. O que resolve é ensinar, como nós dizemos, a pescar; não dar o peixe. Então tinha que ter cultura para conhecer sociologia, preparar o pessoal, assistir uma família até que ela pudesse andar com seus pés. Só dar, vira assistencialismo; não resolve o problema.

*Mas no início talvez houvesse uma certa filantropia...*

Havia, havia sim. Tanto que eu disse a vocês, muitas vezes, no Serviço Social, Serviço Nacional de Tuberculose, lá no interior o médico queria que a assistente social fosse vestir defunto.

*Exatamente. Era quase como se fosse um trabalho de caridade.*

Então a gente tinha que dizer que não era isso.

*Isso era fundamental.*

Fundamental!

*E como era a relação dessas assistentes sociais com a Igreja? Como se dava isso?*

No princípio, foram as igrejas que trouxeram. A primeira Escola de Serviço Social na América Latina foi a do Chile. Depois veio a de São Paulo, que veio da Bélgica.

*E tinha uma relação com a Igreja Católica muito forte?*

Tinha muita religião! Mas depois, quando houve a oficialização das escolas, a escola da Izolina Pinheiro não tinha ligação nenhuma com a Igreja. Tanto é que a Izolina foi muito discriminada pela ABESS, ela não pertencia à ABESS.

*Essa do Rio?*

A do Rio.

*Essa Associação Brasileira de Escolas de Serviços Social.*

Associação Brasileira de Escolas de Serviços Social, que era a Odila Cintra Ferreira a presidente. A dona Odila.

*Porque ela foi presidente anos e anos, não?*

Ficou muito tempo. Agora não sei quem é presidente, estou completamente isolada. Me afastei por completo.

*Quer dizer, no início tinha uma ligação tão forte com a Igreja Católica que quem não tinha essa relação acabava até sendo discriminada?*

Discriminada.

*Em relação à Escola de Serviço Social de Niterói, pelo que a senhora nos contou, não me pareceu que a clientela inicial fosse de tão alto nível.*

Não, não!

*A senhora disse que a elite de Niterói era um pouco diferente.*

Completamente diferente. Primeiro porque quando a dona Alzira fundou, ficou quase uma escola oficial, do estado.

*Não tinha que pagar.*

Não tinha que pagar não.

*Pois é, e em São Paulo tinha.*

Tinha que pagar.

*E o que mais?*

Era uma escola em que primeiro foram as professoras que frequentaram e depois, quando passou a ter vestibular, abriu para todo mundo. Passava quem tivesse condições. Tanto é que quando eu fui diretora da escola, pus na minha cabeça: “Vou fazer um curso noturno para que quem precise trabalhar possa estudar.”

[FINAL DA FITA 2-B]

*No Rio de Janeiro a senhora falou das Escolas de Serviço Social da PUC, na da UERJ e...*

Da UERJ, UFRJ...

*Agora a senhora está falando da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quem dirigia?*

Maria Amália Alonso. Ela foi fundada ali na Escola de Enfermagem Ana Néri. Era anexa à Escola de Enfermagem.

*Havia um interesse muito grande da área de saúde no serviço social?*

Muito grande. Muito grande mesmo! E a Maria Amália Alonso foi diretora dessa escola. Eu não sei se ela ainda é viva e se ainda trabalha.

*A senhora gostaria, para concluir, de deixar alguma mensagem?*

A mensagem que eu deixo é de que o trabalho que vocês estão fazendo é extraordinário. Extraordinário! Porque o brasileiro não tem memória. É ou não é verdade?

*A gente tenta fazer com que tenha.*

Esse trabalho é maravilhoso, porque, uma nação que não lembra das coisas que já foram feitas, não tem história.

*Dona Nilda, a senhora acreditava que haveria transformações, que as coisas iam melhorar. A senhora considerava que o Serviço Social era uma forma de realizar transformações?*

E era! Eu sempre acreditei! Porque o serviço social sempre teve o objetivo de trazer transformações sociais. Por isso tem o serviço social de comunidade, participa da comunidade. Violeta foi fundadora do serviço social de comunidade. Ela foi uma mulher que trabalhou muito na comunidade! E eu esperava sempre essas transformações.

*E a senhora continua acreditando que o serviço social possa fazer isso?*

Eu creio, se as assistentes sociais não perderem o ideal de servir, de trabalhar, de não fazer – até na política social – ter interferência na política social, porque é necessário. Na legislação social, ver o que é melhor para o povo, para os trabalhadores... É muito importante isso.

*O Brasil continua precisando muito disso, não?*

Precisa muito disso, e cada dia mais! E de preparar o pessoal para saber escolher os seus administradores, porque isso é muito importante.

[FINAL DO DEPOIMENTO]